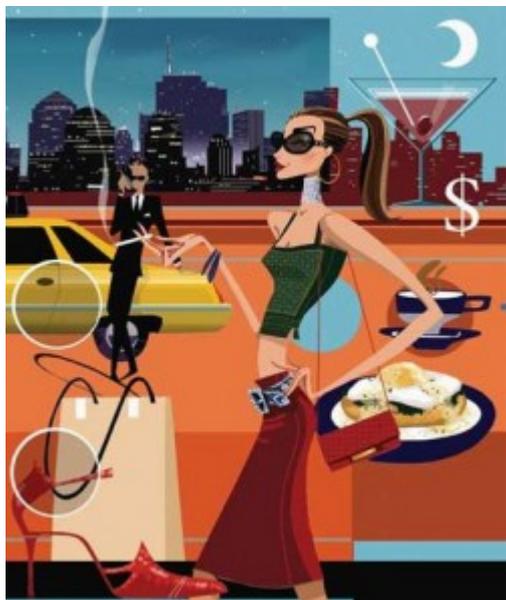


Os supérfluos e uma lição de vida

Post (0211)



No ano passado, meus pais, profissionais bem-sucedidos decidiram reduzir seu ritmo de vida para aproveitar o que resta com alegria e saúde, tomaram uma decisão: alugaram o apartamento em moravam num bairro nobre de São Paulo, enfiaram algumas peças de roupa na mala e embarcaram para Barcelona, onde meu irmão e eu moramos.

Aqui, os dois alugaram um apartamento agradabilíssimo no bairro modernista do Eixample, com um terço do tamanho e um vigésimo do conforto do de São Paulo, com direito a limpeza de apenas uma vez por semana. Como nunca cozinharam para si mesmos, saíam todos os dias para almoçar e/ou jantar. Com tempo de sobra, devoraram o calendário cultural da cidade: shows, peças de teatro, cinema e ópera quase diariamente. Também viajaram um pouco pela Europa, muitas vezes, na companhia de filhos, genro, nora e amigos, a quem proporcionaram incontáveis jantares regados a bons vinhos.



Texto de Adriana
Setti

Passados alguns meses constataram que estavam gastando muito menos para viver aqui do que gastavam no Brasil. Sendo lá saíam para comer fora ou para algum programa cultural só de vez em quando, por causa do trânsito, dos problemas de segurança, etc.

Milagre? Não. O que acontece é que eles resolveram experimentar um novo modelo de vida que nesse caso, significou deixar de lado o seu altíssimo padrão de vida para adotar, como “estagiários”, o padrão de vida mais austero da classe média européia, da qual eu e meu irmão fazemos parte.

Na Europa, a coisa é bem diferente. A classe média não tem moleza. Toda pessoa normal que se preze esfria a barriga no tanque e a esquentam no fogão, caminha até a padaria para comprar o seu pão e enche o tanque do carro com as próprias mãos. É o preço que se paga por conviver com algo totalmente desconhecido no nosso país: a ausência do absurdo abismo social e da mão de obra barata.

Traduzindo essa teoria na experiência vivida por meus pais, eles reaprenderam a limpar a casa nos intervalos do dia da faxina, a usar o transporte público e as próprias pernas, a lavar a própria roupa, dispensar o carro, enfim, a levar uma vida mais “sustentável” e não doeu nada.

De volta ao Brasil, aplicando o que aprenderam, eles simplificaram a estrutura que os cercava, cortaram uma lista enorme de itens supérfluos e reduziram os custos fixos.

O resultado desse experimento quase científico é a prova concreta de uma teoria que defendo em muitas conversas com amigos: o nababesco padrão de vida almejado por parte da

classe média brasileira, que um europeu relutaria em adotar até por uma questão de princípios, acaba gerando stress e muitos efeitos colaterais.

Babás, empregadas, casa na praia, móveis caríssimos e roupas de marca podem ser o sonho de qualquer um. Só que, mesmo para quem se delicia com essas coisas, a obrigação auto-imposta de manter e administrar essa estrutura acaba se tornando cada vez mais difícil e se transformando em escravidão sem que a “vítima” se dê conta disso. Muitos aceitam qualquer contingência, num emprego malfadado, apenas para não perder estas mordomias, enquanto mal têm tempo de usufruir tudo isso, de tanto que ralam para manter o padrão.

Eu por exemplo, limpo o meu próprio banheiro, não estou nem aí para roupas de marca e tenho algumas manchas no meu sofá baratex. Antes disso do que a escravidão de um padrão de vida que não traz felicidade. Essa foi a lição que aprendemos com os europeus.

Note bem, não estou pregando o fim das empregadas domésticas, que precisam do emprego, e nem achando que o “modelo frugal europeu” funciona para todo mundo como receita de felicidade. Antes que alguém me acuse de tomar o comportamento de uma parcela como uma generalização sobre a sociedade brasileira, digo logo que, sim. Esse texto se aplica ao pé da letra para um público bem específico. Minha intenção é apenas tentar mostrar que a vida sempre pode ser menos complicada e mais racional do que muitos imaginam.

Texto de Adriana Setti, resumido – NG Canela – Agosto 2013

Metade dos alimentos vira

lixo.

Post (0204)



- Um estudo publicado pelo Instituto de Engenharia Mecânica do Reino Unido calculou a quantidade de alimentos desperdiçados no mundo. Chegando a estimativa de que entre 1,2 bilhões e 2 bilhões de toneladas de comida são jogados fora todos os anos. O que representa entre 30% e 50% da produção de alimentos mundial.
- O desperdício acontece tanto nos países em desenvolvimento quanto nas nações mais ricas do planeta. Nos países desenvolvidos, o desperdício acontece por culpa da “cultura de consumo”. Os supermercados rejeitam ou jogam fora alimentos perfeitamente comestíveis que não apresentam determinadas características, ou não atraírem o consumidor. Quanto a este, o desperdício acontece porque muitas vezes ele adquire uma quantidade excessiva que não serão consumidos e vão direto para o lixo.
- Nos países mais pobres, o desperdício acontece por conta de práticas defasadas de produção agrícola, estoque e transportes. Mesmo países que estão passando por rápido crescimento, como a China, perdem alimentos. A China perde 45% da sua produção de arroz, por conta de infra-estrutura ruim. (No Brasil, nem falaram!).
- Além da perda de alimentos, foi identificado o problema da água, cerca de 550 bilhões de metros cúbicos são usados para produzir alimentos que nunca chegam aos pratos da população. Como a demanda por alimentos o consumo de água potável deve aumentar nas próximas décadas, temos que nos preparar para

enfrentar o problema.

– Muitos perguntam o que eu posso fazer para ajudar o meio ambiente e a vida no planeta.

– Está aí uma boa tarefa para qualquer ser humano, não jogue comida fora, compre só o necessário, se sobrou dê a quem precisa.

-Você não só estará ajudando a matar a fome no planeta, como também reduzindo a necessidade de retirada desnecessária de recursos naturais.

Texto resumido, revista Época 01/2013 – NG Canela – Junho 2013